


Kili

RESISTIR
MONTANHISMO

já cá cantas



A high-altitude mountain landscape with snow-capped peaks and a person standing near tents. The scene is set against a clear blue sky. In the foreground, a person in dark clothing stands on a rocky outcrop, looking towards the mountains. To their right, two green tents are pitched on the rocky ground. The mountains in the background are rugged and covered in patches of snow and ice, with a prominent peak visible on the left side of the frame.

As paisagens únicas, os desafiantes 5892 metros de altitude, o momento inesquecível de chegar ao topo de África, lá onde os glaciares são rosa ao nascer do sol, fazem da subida ao mítico Kilimanjaro uma aventura para a vida. Um gozo que só se alcança com dor. REPORTAGEM DE **TERESA GENS** (TEXTO) **SONIA VIRTUE** E **ANDRÉ GUERREIRO** (FOTOGRAFIAS)

Não vou parar de andar nas próximas 12 horas e, hoje, as minhas pernas já aguentaram uma caminhada de 13 quilómetros. Não dormi, nem sequer passei pelas brasas. Sem queixas, o corpo foi tomado pela adrenalina e, agora, é ela quem mais ordena. Na barriga aquela sensação pré-teste, na incerteza do final. Não acho que vá ‘chumbar’ nesta prova, mas o meu corpo nunca foi testado a quase seis mil metros de altura e é para lá que vou. É, pelo menos, para lá que quero ir. Calço as botas e as luvas da neve. Ponho a balaclava. Estou vestida para os 12 graus abaixo de zero lá de cima. E pensar que a ‘linha’ do Equador é já ali.

Nas tendas do lado, fechos a correr, botões de mola a clicar, pilhas em busca de polos irmãos, baterias extra (guardadas para este momento) colocadas nas máquinas fotográficas. Todos se preparam para sair. Lá fora, um anel abraça a Lua, cheia, majestosa. Brilha, quase tanto, como os relâmpagos que rasgam os céus da cidade de Moshi, 4725 metros abaixo do meu acampamento, o de Barafu — palavra suaíli para gelo. Um vento frio gela-me a face. Por dentro estou em brasa.

O esguio Joseph, guia de 43 anos, típico tanzaniano na fusão árabe e africana, tem um gorro de pele do exército russo, oferta de um turista vindo dessas paragens. Nunca havia conhecido portugueses nesta jornada. Pois bem, estreia-se agora. Espero não fazer ruim figura. Ali vão, sobretudo, norte-americanos e europeus, também eles do norte. De tempos a tempos, espanhóis, brasileiros e australianos. Recentemente, a moda pegou entre japoneses. Comigo estão dois holandeses, Borg e Maarten, de Amesterdão, o meu marido, e um par de norte-americanos, Nelson e Sonia, de NYC. Geografias à parte, a ‘tuga’, que alpinista nunca foi, preparou-se na linda serra de Sintra e está ali ‘pràs curvas’ rumo à grande cratera de neve.

A ascensão final. Olho para o Joseph que fita o relógio de pulso. Marca a altitude a que se encontra, azar o dele porque, maçadoramente, lhe fomos perguntando ao longo dos últimos seis dias. Agora, não são os metros que interessam, mas o ponteiro que marca as horas. Às 23h30, e já acompanhado dos três guias auxiliares — Dólar, Jamal e Augusti —, Joseph, guia principal da expedição, anuncia que chegou a hora. Garrafas de água quente, para não congelarem, são distribuídas. Mochilas às costas e... coragem. Nas próximas seis horas faremos a ascensão final até Uhuru Peak, a 5891,8 metros da mais alta montanha

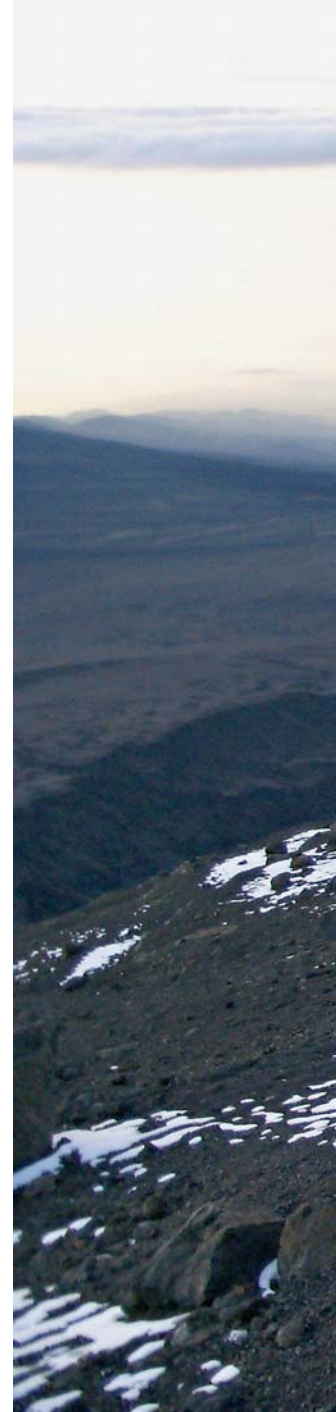
de África, uma das sete grandes do planeta, a maior montanha isolada no mundo e a única sobre a savana. A tal das neves eternas, o mítico Kilimanjaro, que Hemingway imortalizou mas não consta que tenha subido, até porque cá em baixo é que estava a caça grossa.

Quando a caminhada começa, o coração tranquiliza-se, estou em boas mãos. “Estaremos atentos ao vosso bem-estar, se alguém tiver algum sintoma preocupante (da doença da altitude, potencialmente mortal) terá que descer, mas isso não vai acontecer”, disse, em inglês, Joseph, após o jantar de batatas estufadas com tomate. “*Life is better than Kili*” (a vida é melhor do que o Kili), lembra numa frase que, adivinha-se, já repetiu vezes sem conta. O desejo de chegar lá a cima é tão grande que nem sempre é fácil que acatem a sua ordem de desistir. As estatísticas do Parque Natural dizem-nos que cerca de 20 mil pessoas, anualmente, tentam subi-lo. A taxa de sucesso ronda os 40%. Farei parte dessa feliz percentagem?

Um chichi pode ser inesquecível. A Lua é amiga e alumia quase tudo, tornando desnecessárias as lanternas, tipo mineiro, que levamos à cabeça. Todos transportam, pelo menos, três litros de água que o guia insiste temos que ir bebendo. Tenho-a bebido nos últimos dias como nunca na minha vida. Com este consumo já se pode julgar sobre a frequência com que, ao longo do percurso — por floresta tropical e seus macacos colobos, tundra e deserto alpino —, temos precisão de um WC. Como a natureza manda e as *toilettes* (cabanas de madeira) não abundam, vamos perdendo a vergonha e parando, aqui e ali, atrás das rochas. Uma pausa para chichi — com vista sobre as profundas escarpas, as charnecas povoadas por *ground-sels* gigantes (uma das espécies endémicas) ou sobre as cascatas que banham ‘esculturas’ de lava, algumas imensas como a Lava Tower —, garanto-vos, pode ser inesquecível!

Que fique claro: quem não se dá com estas ‘atividades’ campestres, quem se horroriza com a ideia de ficar sete dias sem banho, quem franze o nariz a beber água diretamente dos riachos, esqueça o Kilimanjaro. Aqui não há lugar para os tiques supérfluos da civilização. Resta-nos baixar as máscaras, recorrer à imaginação e, claro, aos toalhetes, amigos inseparáveis a colocar no lixo — carregado pelos *porters*. São eles, os carregadores, os 12 bravos do pelotão (dois por alpinista). Transportam, literalmente, tudo do acampamento por ali acima. Mal vestidos, mal calçados, mal pagos, sempre com um sorriso e um “*jambo*” (olá) quando nos ultrapassam — o que acontece, invariavelmente, para que encontremos o acampamento montado e o chá

DESLUMBRANTE SUBIR AO KILIMANJARO NÃO É PARA TODOS. É UMA SEMANA CAMINHANDO CERCA DE 15 KM POR DIA, DIFICULTADOS PELA ALTITUDE. NO PERCURSO A PAISAGEM MUDA RADICALMENTE: PASSA-SE POR FLORESTA TROPICAL (EM BAIXO), TUNDRA E DESERTO ALPINO (AO LADO), ATÉ CHEGAR ÀS NEVES ETERNAS NO CUME DA MONTANHA





Cerca de 20 mil pessoas por ano tentam subir o Kilimanjaro. A taxa de sucesso ronda os 40%. Farei parte da feliz percentagem?

pronto quando chegamos.

Sem dramas, todos se adaptam à falta de duche, até porque vamos sendo refrescados pela chuva ao longo do percurso — a estação das chuvas já começou. Pela manhã, a higiene básica é possível ‘chapinhando’ nos alguidares com água morna colocados à porta da tenda. Porta a manter fechada porque uns pequenos ratos (lindos!) acompanharão os acampamentos na esperança de alimento fácil, tal como os enormes corvos pretos com seus voos rasantes. Ambos passam a ser uma companhia. Só à noite, quando o topo do Kilimanjaro brilha, branquinho, lá em cima, suspenso no céu escuro, refugiam-se nas rochas.

Sempre “slowly, slowly”. O nosso trajeto corresponde a qualquer coisa como 100 quilómetros, a subir, sempre “*slowly, slowly*”, como repetem os guias, para facilitar a habituação do corpo à altitude. Há mais cinco trilhos pos-

síveis: Marangu, Rongai, Lemosho, Shira e Umbwe, mas o nosso é, de longe, o mais cénico, embora íngreme, até ao alto da montanha. Andamos cerca de 15 quilómetros por dia, subindo mas também descendo, o que permite que a adaptação do corpo seja gradual e mais eficaz. Estamos bem equipados e, embora a escalada não seja tecnicamente difícil, a distância, a altitude, a baixa temperatura, o vento e a chuva tornam-na exigente.

Preocupa-nos, sobretudo, a doença da altitude, o Kilimanjaro está bem acima dos três mil metros em que o edema pulmonar ou cerebral pode ocorrer. Todos, uns mais do que outros, sofreram de dores de cabeça e enjoos. Não por causa da comida. O nosso cozinheiro é fantástico. Só me pergunto como consegue, em tais condições, preparar aquelas iguarias, à base de arroz e batata, com molhos condimentados por cravinho, caril, colorau e outras especiarias. Cozinha numa

pequena tenda vermelha, em dois ou três tachos. Também temos empregado de mesa que nos serve na tenda de refeições.

Joseph nunca come conosco, faz o *briefing* do dia seguinte quando, no final da refeição, bebemos chá tanzaniano. Descansou-nos desde cedo: “o enjoo e as dores de cabeça moderadas são normais”. Está sempre alerta, a sua reputação como guia será proporcional ao número de expedições de sucesso que liderar. Como tem mulher (só uma, garante, o que não é comum por aquelas bandas) e três filhos para sustentar, não pode perder o emprego e, também por isso, é ultracuidadoso. Já o faz há 13 anos e foge da conversa das mortes como o diabo da cruz. Ouve-se que todos os anos morrem 10 a 12 pessoas no Kilimanjaro. Joseph só toca no assunto *non grato* no último *briefing*: “nem pensar em tomar comprimidos para dormir” — é desejável que se durma entre o final do jantar e as 23 horas, dada a exigência da ascensão final, logo seguida da descida. A razão do alerta foi uma japonesa que sucumbiu na subida. Joseph, fervoroso católico, jura sobre a bíblia que a nipónica misturou diamox (medicamento usado na prevenção de sintomas de doenças da montanha) com sonoríferos.

Ao longo da caminhada questionei-o sobre os meios de socorro. Sabia que não levavam garrafa de oxigénio e tinha lido que, no ano passado, a ex-tenista Martina Navratilova, sofreu de edema pulmonar e foi transportada em braços e depois de maca por ali abaixo. Para casos graves há um helicóptero (explorado por um privado) e um heliporto em todos os acampamentos. A comunicação é fácil, pois há cobertura de rede em todo o monte. Mas o melhor é não vir a precisar de nada disto.

A falta de oxigénio é um filme. Estou a subir há mais de duas horas e, com menos oxigénio disponível, o Augusti, guia auxiliar, tirou-me a mochila das costas e pô-la nas dele porque notou o meu cansaço. Na fase final, a mochila leva o mesmo que no início da jornada — água, máquina fotográfica, barra de cereais ou chocolates, lenços de papel, toalhetas —, mas pesa toneladas. Os guias tornam tudo possível. Sonia há muito que não leva a dela. Sobe com bastões de caminhada e vomitou, algumas vezes, sem perder o ânimo. O namorado pede-lhe desculpa, por a ter ‘arrastado’ até ali: “*Honey, I’m so sorry!*” Ela sossega-o: “*Oh, honey, I wanted to come.*” Como nos filmes...

Quando, finalmente, os nossos pés tocam as neves eternas, alguns homens da expedição, já amarelitos, também passam a carga aos guias. A coisa está a apertar. O ar é rarefeito e torna-se cada vez mais difícil respirar. Foi sem-

pre um prazer caminhar até aqui, só faltou ver os dragões alados que, diz a lenda, viviam neste monte por cima das nuvens, na margem oriental do Vale do Rift, onde abunda a vegetação rara e o solo ‘lunar’, digno de filme de ficção científica. Mas, agora, é puro sacrifício!

A subida final é duríssima e não consigo extrair qualquer prazer disto. Há quem queira, simplesmente, parar. Eu também quero, mas se parar, deixo-me dormir em poucos segundos. Joseph opõe-se, crispado, a que paremos os 10 minutos que reivindicamos por estarmos exaustos. Nos dias anteriores, nem sempre houve consensos (somos globais o tanas, as diferenças culturais notam-se), mas esta noite partilhamos o mesmo, o único, o enorme desejo de conseguir alcançar o cume desta montanha. Por isso, acabamos por seguir Joseph como um líder espiritual. A partir de Stela Point, a 5745 metros, arrastamo-nos. Para muitos aquele é o ponto final. Não para nós. Os guias conhecem bem o nosso estado de espírito e já viram estes corpos cansados outras vezes. Profissionais, motivam, garantem-nos que têm fé em nós, que falta tão pouco que não há como desistir agora. Ah, pois, quase lá, 30 minutos ainda nos separam de Uhuru (liberdade em suaíli). Felizmente, já nem consigo pensar, limito-me a seguir. Ao longo destes intermináveis minutos cantam para nós a cantiga que já conhecemos mas que, agora, somos incapazes de acompanhar: “*jambo, jambo bwana, habari gani, mzuri sana, wageni wakaribishwa, Kilimanjaro hakuna matata*”.

Um percurso feito de trocas. Estamos juntos há sete dias e, com estes homens altos, magros, infatigáveis, formamos uma equipa. Ensinam-nos suaíli, falamos dos costumes, das famílias, da gastronomia dos nossos países, sobretudo quando paramos para comer da nossa lancheira, composta por frango, pastéis de vegetais, bananas pequeninas e pacotes de sumo. Ouvimos música local através do rádio, a energia solar. Criei muita empatia com o Joseph, mas não morro de amores pelo Jamal, que anda mesmo a fazer-se à ‘gorja’ dos americanos. É certo que todos esperam a ‘*tip*’, contam com ela para viver. Mas, em Joseph além de uma cabeça que faz contas, adivinha-se uma alma grande e sã. Responde, carinhosamente, a todas as minhas perguntas e não sabe que sou jornalista. É ambicioso, quer, um dia, ter carro e pôr os filhos num colégio privado. Sendo pobre, diz, a educação é o legado que lhes pode deixar. Pergunta se tenho carro, como é a minha casa e onde estudam os meus filhos. Minto-lhe, não quero ter aos 36 tudo o que ele ambiciona aos 43 e, dificilmente, virá a ter um dia. Lamenta que o governo



A subida final é duríssima. Os minutos até ao cume parecem intermináveis. Felizmente, já não consigo pensar, limito-me a seguir



cobre taxas diárias pela permanência no Kili, o que diminui os dias de subida, e de aclimação, potenciando o insucesso das expedições. Precisamente o que tentou evitar na nossa. Caminhamos há seis dias com o fito de chegar ao cume, foi isso que me trouxe à Tanzânia. Quando bebemos o último chá, antes de deixar o acampamento, um dos holandeses lançou para a mesa: “Se não conseguir, chegar aqui já foi imenso.” “*Bullshit*”, alguém contestou. Concordei, em pensamento. E agora que o sol está a nascer e ilumina o gigantesco gla-



CONFORTO (POSSÍVEL)

EM CIMA, A EQUIPA QUE FEZ PARTE DA EXPEDIÇÃO COM OS TRANSPORTADORES QUE LEVAM TODO O EQUIPAMENTO PARA OS ACAMPAMENTOS. AO LADO, TERESA DESCANSA JUNTO ÀS TENDAS. DURANTE SETE DIAS NÃO HÁ BANHOS NEM ESQUISITICES

ciar cor de rosa, na cratera do vulcão Kibo, todos sabemos, exatamente, porque viemos até aqui. Já não somos os de há bocado, o incrível poder das tabuletas escritas a amarelo, a anunciar que é ali, ali mesmo, e os gritos teatrais do guia: “Congratulations, you are at the summit”, operaram no grupo a metamorfose. Voltámos a estar vivos num, todo-poderoso, cenário de cores e formas. À frente, o extinto Mawenzi parece de novo em erupção com os raios de sol, como lava, a jorrar da cratera. Rosas, laranjas, lilases, anilados sobrepõem-se

neste céu, até hoje, inimaginável. Lá em baixo, um chão de nuvens brancas resplandecentes de tanta luz. Na neve, os palmilhados trilhos negros, de pedra vulcânica, desenhavam o rasto dos venturosos. Um gozo que se alcança com dor. Sensação que tento explicar quando, de regresso a casa, uma amiga pergunta: “E achas que isso são férias?” Talvez não, não decerto, as típicas férias de sonho. Mas há lá *ressort*, no mundo, que possa dar-me aquilo que o Kili me deu: uma aventura prà vida. ■

unica@expresso.impresa.pt

Vale a pena saber

Preço da expedição: 1.470 dólares (1.032 euros), na Kessy Brothers, 7 dias e 6 noites.

Visto: obtido à chegada ao aeroporto por 50 dólares

Vacinação/Profilaxia: da malária, vacina da febre amarela obrigatória

Gorjetas: ‘obrigatórias’ a todo o *staff*, nunca abaixo dos 80 dólares para o guia principal

Língua: inglês e suaíli

Moeda: xelim da Tanzânia ou dólares americanos

Equipamento: tendas e sacos-cama (para temperaturas negativas) são fornecidos pela Kessy Brothers. Botas de *trekking* de qualidade (essenciais), luvas, calças e blusões quentes e impermeáveis, balaclava (gorro), roupa interior térmica, bastões para caminhar (facultativo).